

«SE EU FOSSE PROFESSOR, NÃO DIZIA “ISTO É AZUL”! E PONTO FINAL.»:

MODULAÇÕES DA ESCOLA E DO ENSINO NA ESCRITA DE ANTÓNIO MOTA

Sara Reis da Silva
Instituto de Educação
da Universidade do Minho
sara_silva@ie.uminho.pt

Se, porventura, alguém, um dia, empreender a estimulante tarefa de compilar, num mesmo volume, textos de autores portugueses que tenham feito/façam da experiência escolar objeto de criação ficcional, António Mota ocupará aí, sem dúvida, um lugar muito significativo.

Na realidade, vários são os textos assinados por António Mota, bem como por Alice Vieira, Ana Saldanha ou Catarina Fonseca, apenas para citar alguns exemplos, que atestam/confirmam a perspetiva de Maria Nikolajeva exposta em *Aesthetics Approaches to Children's Literature*. Neste volume, esta investigadora, problematizando o importante espaço ocupado pela instituição escolar na ficção infantojuvenil contemporânea, nota que «In fact, the tradition of portraying school in children's fiction is remarkable, from the point of view of the messages conveyed to readers.» (Nikolajeva, 2005: 76). E acrescenta, por exemplo, que «School is an inevitable evil in *The Adventures of Tom Sawyer*, an arena for “slow suffering” (42) that children are meant to escape as much as possible.» e, ainda, que

«When confronted with the prospect of being adopted by Wendy's mother, Peter Pan's first question is, “Would

you send me to school?" Upon getting an affirmative reply, he retorts, "I don't want to go to school and learn solemn things" (181). School is often presented as the opposite of freedom, integrity, and imagination.» (*idem, ibidem*: 76).

Mas António Mota participa também do conjunto de autores que repartem/repartiram a vida entre a docência e a escrita, esta inaugurada precisamente há 35 anos (1979-2014), com o título *A Aldeia das Flores* (1979), quando ainda era professor do 1º ciclo do ensino básico. Luísa Dacosta, Maria Rosa Colaço, Vergílio Alberto Vieira ou João Pedro Mésseder integram esse grupo dos que reúnem em si, buscando uma espécie de «flutuação» que supere o espaço docente, assumindo a tríade/proposição de Roland Barthes (1975), o escritor, o intelectual e o professor; ou o grupo dos «professores-escritores», que, como escreve Rosa Maria Goulart, não raras vezes, procuram,

«através da língua, da cultura e da literatura, melhor se conhecerem para melhor conhecerem o mundo, que o mesmo é dizer: para melhor o darem a ver aos seus alunos e, por extenso, a nós, seus leitores, neste duplo magistério da língua e da literatura: da língua e da literatura que na aula se ensinam; da língua que se faz literatura para, de forma artística, relatar essa experiência.» (Goulart, 2013: 75-76).

Na realidade, desde *A Aldeia das Flores* (1979), primeiro título da extensa e reconhecida produção literária de António Mota, passando por *Pedro Alecrim* (1989) ou *Os Heróis do 6º F* (1996), por exemplo, as figuras do professor e das suas práticas, as imagens dos alunos/das crianças ou a

escola e os conteúdos escolares, por exemplo, emergem como eixos ideotemáticos/motivos fundamentais da sua escrita. São, enfim, a voz e o olhar daquele que viveu a escola “por dentro” – como menino e como professor – e que, agora, lá regressa, em visitas frequentes, para conversar com alunos e docentes sobre si próprio e sobre os seus livros.

Por razões que nos escusamos de explicitar neste contexto (mas facilmente compreensíveis), optámos por centrar a nossa análise num *corpus textual* mais ou menos restrito, um conjunto de narrativas – duas breves e três novelas juvenis – nas quais as representações da escola ou do ensino se revestem de um importante significado quer ao nível diegético, quer, e muito especialmente, no domínio da própria construção das personagens.

Deter-nos-emos, então, agora, nas obras selecionadas.

Em *A Aldeia das Flores* (1979), a representação ficcional dos professores consubstancia-se em duas figuras distintas: a dona Maria, que ensinou durante mais de trinta anos, uma professora «muito amiga» dos alunos e a quem, como diz, o Estado deu a reforma (Mota, 2007: 10); e o (novo) Professor Miranda, um senhor de «barbas compridas» e grandes «óculos», que trouxe para a Aldeia caixotes e embrulhos mais pesados do que ferro (*idem, ibidem*: 15).

Nesta narrativa breve, uma «escola primária» ou do 1º ciclo do ensino básico (como se diz hoje), «velhinha» e onde «todas as carteiras eram remendadas» (*idem, ibidem*: 9), situada no espaço rural avançado pelo título da narrativa, é o *topos* nuclear, o cenário para o ensino e a educação (literária, por exemplo) da «rapaziada» da aldeia. Na realidade, o encanto dos alunos com a figura do novo professor, o Professor Miranda,

que dá título à primeira narrativa do volume, é decorrente, em larga medida, da capacidade de os despertar empaticamente para a magia da narrativa/do conto: «A dona Maria era uma boa senhora, ensinava aquelas coisas da escola, mas o professor Miranda sabia contar histórias.» (*idem, ibidem*: 16). Além disso, em contraponto com aquilo que era “a escola de outros tempos”, o novo Professor implementa uma pedagogia ativa, distante da exposição e demonstração verbais da matéria, mas na qual impera a aprendizagem informal, sendo esta construída a partir de experiências vividas pelos alunos, nomeadamente, por exemplo, atividades vivenciais ao ar livre.

O entusiasmo dos discentes traduz-se na sua vontade de chegarem cedo à escola: «A rapaziada ficou contente e, daí em diante, todos os dias vinham em grandes correrias, a ver quem chegava primeiro à escola.» (*idem, ibidem*: 16). Efetivamente, são diversas as referências positivas ao ambiente escolar, em particular a uma prática que promove um ensino-aprendizagem para lá dos livros escolares, uma dinâmica que integra a descoberta e a reinvenção do mundo, percurso assente na diversidade de estratégias, no contacto com a natureza⁴ e na valorização da expressão visual⁵, por exemplo.

Na verdade, não é possível ignorar os aspetos comuns entre “este” Professor da *Aldeia das Flores*, figura que encanta, e o Professor António Mota, autor empírico ou escritor desta narrativa. O professor–escritor–contador de histórias dos meninos da escola da Aldeia das Flores parece,

4 Cf. «– E fazem passeios, recolhem tudo que podem. Até pedras levam para a escola!... // – Pedras?!... Para quê? // – O meu Chico diz que é para fazerem experiências, jogos, eu sei lá! // (...)» (Mota, 2007: 18).

5 Cf. «Então, vá lá, e veja como aquela sala está mudada! Tem desenhos e pinturas a cobrir as paredes, flores por todo o lado, eu sei lá que mais!...» (*idem, ibidem*: 18).

pois, constituir uma projeção autobiográfica do autor António Mota e isso possui repercussões no desenho (muito verosímil) da própria personagem, também ela sempre na companhia de livros, da leitura e da escrita, também ela já autora de livros: «– (...) de noite, quando não há praticamente barulho, fico aqui entregue aos meus livros, lendo ou escrevendo... (...); «– (...) Aquelas histórias que vos conto na escolar sou eu quem as invento e escrevo. (...) Os que estão neste caminho, fui eu que os escrevi.» (*idem, ibidem*: 27; 28).

Como explicita Leonor Riscado, é este Professor Miranda, *alter ego* de António Mota, que nos revela a sua perceção/aceção da escrita, uma «ideia que constituirá pedra basilar do resto da sua obra.» (Riscado, 2007: 58). O segmento em questão é o seguinte:

«Olha, escrever uma história é quase como pegar num arado. Neste caso é a caneta. Escrever é lavrar um campo que não está cultivado. Lavra-se, grada-se, semeia-se, sacha-se, arrenda-se, rega-se. E lentamente a história vai ficando com forma, vai crescendo, amadurecendo. Num campo, depois do milho estar maduro, é que se corta e se recolhe.

Assim é uma história: ao fim de muito tempo e de muita canseira é que está terminada. Depois, vai para a tipografia, para as máquinas de impressão. E, finalmente, aparece o livro.» (Mota, 2007: 31).

É, pois, de um trabalho criativo desse tipo, metaforicamente enunciado em *A Aldeia das Flores*, um labor pautado pelo esforço, dedicação, empenho e paciência, que resultam algumas das suas obras narrativas de extensão mais longa. Neste domínio da novela/romance juvenil, talvez a vertente da escrita de António Mota que mais reconhecimen-

to tem tido, *O Rapaz de Louredo* (1985), primeira obra editada no referido âmbito e logo galardoada com o Prémio de Literatura Infantil da Associação Portuguesa de Escritores e pela Secretaria de Estado do Ambiente, (*O Rapaz de Louredo*, dizíamos) destaca-se pela bem sucedida receção, motivada certamente pelas amplas e naturais possibilidades de identificação entre o destinatário e o universo recriado.

Como em *A Aldeia das Flores*, nesta narrativa, são perceptíveis os reflexos autobiográficos, entretecidos pela ficção, aspeto assinalado, por exemplo, por Matilde Rosa Araújo, no prefácio à 1ª edição⁶. Assumida explicitamente a forma de diário, o narrador autodiegético, Jorge Ribeiro dos Santos, revela as suas emoções e dá conta dos seus pensamentos, como se pode ler logo no primeiro capítulo e a propósito do último dia de escola primária. Na abertura do relato, cruzam-se o sucesso e a euforia do narrador, que passa de ano e vai para o Ciclo Preparatório, o insucesso/fracasso do seu amigo Armindo – a quem a vida dura não autorizava estudar o suficiente⁷ – e o retrato da professora, a Dona Eugénia, desenhada com traços simpáticos, compreensivos, sensíveis e solidários⁸.

6 Cf. «Cada qual tem os seus segredos claros: alegrias, risos, algumas lágrimas de amargura. Mas a coragem existe. Ouve quem a chama: e a vida lê-se e constrói-se. Às vezes salta para os livros. Como aconteceu com o nosso amigo António Mota que nos escreveu a (será sua?) história. Se não for sua, creiam, é também uma história verdadeira» (Mota, 1992).

7 Cf. «– Senhora, ontem não pude estudar!... Quando saí da escola fui logo cortar erva para as vacas, e olhe que foram muitos cestos... À noite ainda tentei, mas o sono não me deixou... // O Armindo tem muitos irmãos. Os pais trabalham na terra – nunca estão em casa – e ele ajuda-os imenso, trabalha como um homem! // E tantas, tantas vezes adormeceu na sala, sobretudo nas tardes de calor! Quando acordava, perguntava, estremunhado: // – Como diz, minha senhora? // Na sala caía logo uma saraivada de riso. // O meu colega de carteira já fez catorze anos. Para ele a escola acabou.» (Mota, 1992: 10).

8 Cf. «Não é de cá, mora bem longe, lá para os lados da cidade. Tem um filho pequenino, e durante todo o ano só o via aos fins de semana. (...)

Uma visão distinta da escola e do ensino, manifestamente disfórica, é partilhada pelo velho Adrianinho, esse «“livro aberto da vida”» (Mota, 1992: 16), que conta a Jorge como, “no seu tempo” («tempos ruins»), as desigualdades sociais ditavam a impossibilidade de muitas crianças frequentarem a escola. Refere-se, ainda, com amargura, à personalidade agressiva/prepotente do Professor que «usava tamancos e quando se arreliaava tirava-os dos pés para fazer pontaria às carteiras...» (*idem, ibidem*: 16).

Em *Pedro Alecrim* (1988), obra reconhecida com o Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças, a representação da escola, dos seus espaços, dos professores e das aulas que lecionam ou dos sentimentos/reacções suscitados/as nos alunos é manifestamente distinta da que pudemos ler na primeira narrativa editada por António Mota. Nesta singular novela juvenil, conhecemos a visão transcrita na primeira pessoa do protagonista anunciado pelo título, acompanhamos a sua inserção num novo mundo escolar – o ciclo preparatório – e compreendemos a justa medida das razões que fazem com que a sua presença e as suas vivências sejam fortemente temperadas por aquilo que é o “seu” próprio mundo e as personagens que o habitam. Com traços de realismo social, o relato do tempo e do espaço escolares desvenda o desconforto de Pedro e dos seus companheiros da aldeia, um mal estar apenas mitigado pela amizade pura que entre eles se vai fortificando. Das viagens de camioneta às carências económicas, passando pelos esforços/dificuldades

Fico contente por saber que no próximo ano vai ensinar numa escola próxima de casa. Assim terá junto de si o Ricardo. E todos os dias poderá mudar-lhe as fraldas, dar-lhe banho e a papa e muitos beijos. (...).» (*idem, ibidem*: 10-11).

de orientação no novo espaço, tudo surge vivamente registado por Pedro:

«Difícil foi o primeiro ano. Eu ia da escolar primária com os olhos tapados, e toda aquela barafunda confundiu-me. Sobretudo as salas de aulas. Sala A, pavilhão C, Sala D no pavilhão A, agora numa, depois noutra, em baixo, em cima... que grande confusão para entender aquilo!

Numa parede estava afixada uma lista com os nomes dos livros e dos materiais que era preciso comprar. Quanto tempo não estive ali a passar para um caderno, com a letra muito bem feitinha, aquele batalhão de palavras intermináveis?!...

Depois o dinheiro não chegava para tudo. (...).

E não posso esquecer a falta que a professora de Português me marcou logo na segunda aula.

Tocou a campainha e eu, não sei por que razão, deixei-me ficar no recreio. Quando dei conta que os meus colegas de turma tinham desaparecido, desatei a correr. Com a pressa, baralhei portas, salas e pavilhões. (...).» (Mota, 2011: 14-15).

Os conteúdos lecionados, as metodologias e/ou os procedimentos didáticos adotados, o aproveitamento dos alunos e, até, o abandono escolar são “discutidos” ou problematizados com “conhecimento de causa”, porque vividos ou sentidos pelo protagonista-narrador/pelas próprias personagens e, apresentando-se o enunciado na primeira pessoa, como mencionámos, o universo representado e as experiências vividas acabam por se revestir de um carácter exemplar. A este título, importa reler segmentos como:

«A professora tem um feito esquisitíssimo. Até parece que não gosta de estar naquela escola a dar aulas! Como

é que se pode gostar de Português com uma professora assim?» (*idem, ibidem*: 16);

«Não consigo entender muitas coisas. Por exemplo: para que é preciso sabermos que o conjunto A, formado pelos elementos laranja, pera, flor e maçã, e o conjunto B, formado pelos elementos pera, maçã, uvas e pinhão têm em comum os elementos pera, maçã; logo, a interseção dos conjuntos A e B é igual a pera e maçã?!... Não entendo, mas acho que tudo o que se aprende na escola deve ter alguma razão de ser, caso contrário era uma estupidez gastar-se dinheiro nessas coisas.» (*idem, ibidem*: 29).

«No princípio do ano, corremos para as salas para conhecer os professores. Mas, à medida que o tempo vai passando, a vontade esmorece. Cada professor tem a sua mania, um tique especial.

E há colegas meus que passam todo o ano a fazer provocações. (...)

Confesso que em algumas aulas sinto o coração a bater com mais rapidez. Há disciplinas que não são lá muito do meu agrado, e eu detesto tirar negativas.

Se eu fosse professor, explicava sempre o porquê das coisas, com palavras fáceis para que toda a gente compreendesse.

Se eu fosse professor não dizia “isto é azul!” E ponto final. Não, eu tentava explicar “porque é que isto é azul”. Ou será que há coisas que não têm explicação?» (*idem, ibidem*: 41-42).

«Na escola há aulas de música, mas não me entusiasma. A professora queixa-se que há falta de instrumentos. Não sei se estou a ser injusto, mas nunca vi ninguém interessado naquelas aulas de bater palminhas a compasso: um-dois-três-quatro-um-dois-três-quatro... » (*idem, ibidem*: 63).

«– Não gostaste de andar na escola?

– Para dizer a verdade, não. Já viste? Andámos ali aquele tempo todo com a mochila às costas e sentimos que aquilo pouco nos disse. É tudo tão diferente da nossa vida, do nosso dia a dia. Aprendemos coisas que não nos dizem nada, que não nos entusiasmaram. Como é que podíamos ser bons alunos se nem sequer temos condições para estudar em casa!...» (*idem, ibidem*: 70).

«Como é costume na Escola, este ano reprovaram muitos alunos.

Dizem que nós é que somos os culpados, por não estudarmos, por não prestarmos atenção às aulas. Será só isso? E o pouco jeito que alguns professores têm para ensinar não conta? E o muro alto que separa a secretária das mesas (invisível, claro) não tem importância?

Tenho o sexto ano de escolaridade. Há seis anos que ando a estudar e ainda sei tão pouco!» (*idem, ibidem*: 78).

Na obra *Os Heróis do 6º F* (1996), a relevância da ambiência escolar transparece, desde logo, na expressão titular. Com efeito, a escola, enquanto espaço físico e social (afetivo também), emerge como fundamental para a protagonista-narradora, Manuela. Como nas duas últimas narrativas aqui relidas, algumas das suas experiências mais significativas são vividas no cenário em questão e o olhar que transmite sobre os professores, os colegas, as matérias e a forma como são lecionadas, entre outros, revelam uma especial visão do mundo e dos outros. Na verdade, Manuela revela-se uma profunda consciência do universo sócio-afetivo em que se insere, um “espaço” que a escola “confirma”:

«Quando as aulas começaram, já sem o Mário, que nunca foi de muitas falas, mas sempre me fazia companhia, vi que continuava na turma 6º F.

Não gosto muito da minha turma. Nela cabem os que moram longe da escola, os que se levantam muito cedo, são os primeiros a chegar e os últimos a partir numa camioneta velha, que de vez em quando enguiça, sobre tudo nos dias de chuva.» (Mota, 2014: 33).

Nas alusões às professoras/professores, ora se nota uma opinião negativa/disfórica, ora se pressente uma “leve” admiração ou encanto. É o que sucede, por exemplo, nas passagens que se seguem:

«A *stôra* Albina, que ensina ciências, depois de entregar os testes, costuma dizer, com aquela voz de cana rachada que às vezes nos faz rir:

– Nunca na vida tive uma turma tão F! F de fracos, F de franganotes imbecis, F de frustrante para quem ensina! Não simpatizo muito com a *stôra* Albina. Se calhar, é por causa da voz esquisita e daquele ar emproado que me faz lembrar os perus.» (*idem, ibidem*: 74).

«Bato palmas até me doerem as mãos quando o *stôr* Andrade, que é o nosso profe de educação física, finta com muita classe o guarda-redes Miguel: chuta a bola devagrainho, mete golo, levanta os braços e ri-se. E nós:

– Goooooooooooooooooooo... Loooo. Golo do Benfica! Que gosto me dá ver o portista Miguel estendido no chão, depois de uma queda aparatosa e a dar murros para o ar...

Alto, elegante, com olhos azuis e cabelo curtinho, sempre muito bem cheiroso e barbeado, o *stôr* Andrade é tão bonito!» (*idem, ibidem*: 6-7).

Uma referência, ainda, à evocação da passagem pela escola primária – uma das que acabou por ser encerrada por

falta de alunos⁹ –, segmento que engloba a carinhosa menção (fugindo à “regra” da supracitada visão disfórica de alguns professores) a dona Hugueta, professora que, tal como, por exemplo, a do protagonista de *O Rapaz de Louredo*, serve a ficcionalização do tópico da dura condição social da jovem professora rural, colocada longe de casa, afastada da família e a vivenciar uma maternidade intranquila:

«A última professora que deu aulas na Barroca chamava-se dona Hugueta e era de Bragança. Quando começavam as aulas, nós nunca sabíamos quem é que ia aparecer para nos dar aulas, e se estava lá muito tempo. A dona Hugueta apareceu na Barroca dentro de um carro muito velho, amarelo, e trazia com ela uma bebé de cinco meses, a Camila, que nos fez companhia o ano inteiro. E nós disputávamos a vez para lhe dar os biberões de leite, mudar-lhe as fraldas. E não fazíamos barulho enquanto a Camila dormia, metida na alcofa, em cima da secretária. (...) De quinze em quinze dias e nas férias, dona Hugueta metia a Camila e as tralhas no carroço e, apitando muitas vezes para não atropelar as galinhas espalhadas pelo caminho, ia para Bragança.» (*idem, ibidem*: 45)

Sobre a escola preparatória que frequenta, Manuela, à semelhança dos protagonistas das novelas anteriormente analisadas, manifesta sensações diferenciadas. Releia-se, por exemplo, um dos segmentos em que dá conta do cansaço e da falta de entusiasmo pela escola:

«É sempre assim. A euforia do início do ano vai-se gastando como as pilhas do mue gravador, e agora,

⁹ Cf., por exemplo, abertura do capítulo 9.

quando chegam as noites de domingo, custa-me imenso meter na mochila os livros e cadernos com algumas folhas fora de sítio. E é precisamente às segundas-feiras que eu tenho mais aulas: educação física, às oito e meia, e depois inglês, história, ciências, português e matemática e apenas uma hora para entrar na bicha da cantina e almoçar.» (*idem, ibidem*: 89).

Um outro volume, o último ao qual dedicaremos um olhar mais atento, tematiza um dos momentos mais marcantes da infância, um dia considerado por alguns pedagogos como decisivo na vida escolar: o primeiro dia de escola. Precisamente assim intitulada (*O Primeiro Dia de Escola* – 2011), a narrativa principia com o relato da ansiedade de Inês, irmã do narrador, suscitada pelo facto de, no dia seguinte, ir ter o seu primeiro dia de escola. Procurando apaziguar a inquietação e o medo junto do seu irmão António, a menina confronta-se, porém, com as suas brincadeiras e as suas invenções «estranhas» (Mota, 2011: 7), atitude que lhe vale uma repreensão por parte da mãe¹⁰.

A este episódio inicial, junta-se o relato evocativo do avô Júlio, inserido através da técnica do encaixe na narrativa principal. O avô partilha, uma vez mais, com os netos a forma como vivenciou o seu primeiro dia de escola. Comuns entre neta e avô são a ansiedade e, muito particularmente, o medo¹¹

¹⁰ «– António, não te ponhas a inventar maluqueiras. Não percebes que a tua irmã está ansiosa? Não percebes que ainda acredita em tudo o que lhe dizes? Ajuda-me a pôr a mesa e deixa a Inês em paz. O avô Júlio também vem jantar.» (Mota, 2011: 12).

¹¹ «– Manda o medo dar uma volta. O medo muito gosta de atrapalhar. Atrapalha os pequeninos e os grandes, os novos e os velhos. Não dês importância a esse medo que se está a rir de ti, e já me está a irritar. // Depois, pousou uma mão sobre a minha cabeça, e disse, zangada: // – Ó medo, vai tratar da tua vida, vai! Se não tens nada para fazer, deita-te e dorme um

confesso. A história pessoal contada pelo avô tem como cenário uma aldeia e uma escola primária «pequenina» (*idem, ibidem*: 23) e como personagens o próprio avô, ainda criança, e uma avó que o acompanhou no seu primeiro dia de escola, dirigindo-lhe três recomendações: «Não andar à pancada, porque tudo se resolve com palavras»; «Estar com atenção nas aulas, e fazer todas as tarefas que nos forem pedidas» e «Não deitar comida ao lixo e a aprender a gostar de todos os sabores» (*idem, ibidem*: 20). A sua Professora, a dona Deolinda, cujo retrato, bastante tradicional e modelar¹², é, em certa medida, coincidente com o de dona Maria, a Professora de *A Aldeia das Flores*, motiva simpatia e parece, assim, representar, para este narrador de segundo nível, uma grata lembrança.

A memória de outros aspetos ou elementos respeitantes à escola e ao quotidiano escolar – como sejam os materiais, o mobiliário da sala, os colegas de carteira, com que se tagarela, ou a hora do recreio, por exemplo – são globalmente aludidos com satisfação e uma inconfundível nostalgia: «Esses dias tão bons passavam muito depressa. Foram os dias mais doces da minha vida.» (*idem, ibidem*: 31) e não será difícil para um leitor (de qualquer idade) reconhecer neste depoimento algo que lhe seja familiar. Uma nota apenas para assinalar a reação de “desconforto” e desmotivação causada por uma tarefa proposta pela Professora, um exercício de grafismos, baseado na cópia ou na repetição, que, no caso de Júlio, detentor de

sono. Vai-te embora, não nos aborreças, desaparece! // Eu vi o medo a desaparecer. Era uma mancha branca, parecida com uma nuvem. // Agarrei com força a mão da minha avó e fiquei mais calmo.» (*idem, ibidem*: 23).

12 Cf. «A dona Deolinda, que tinha muitos anos, cabelos brancos e vestia uma bata branca, era a única professora da escola da Ponte da Lua.» (*idem, ibidem*: 24).

um espírito inventivo, resultou na deslocação do seu centro de interesse para uma observação atenta de tudo o que o rodeava:

«Descobri que a sala tinha um armário misterioso com as portas fechadas, dois quadros pretos, um apagador e pedacinhos de giz branco.

Descobri que estava uma teia de aranha num canto do teto, e dentro da teia estavam três moscas mortas.

Descobri que havia rapazes e raparigas muito grandes dentro daquela sala tão cheia e tão silenciosa.

Descobri que as paredes da sala estavam enfeitadas com letras, algarismos e mapas.

Descobri que a professora Deolinda cheirava a perfume, tinha muita laca no cabelo e dois anéis num dedo.

Descobri duas formigas minúsculas nas frinças do soalho.» (*idem, ibidem*: 28).

Estranhamento e adaptação/aproximação pautam, pois, os primeiros dias de escola da criança que foi o avô Júlio, da neta Inês e da generalidade dos meninos: «Alguns, no primeiro dia, encostam-se a um canto, transformados em estátuas com um coração a bater com muita força, esperando que alguém lhes dê uma sementinha de amizade» (*idem, ibidem*: 32).

Mesmo não tendo sido possível levar a cabo uma análise minuciosa e exaustiva de todas as representações da escola e do ensino nas obras de António Mota – na verdade, estamos certos de que os seus 89 livros, publicados até à data (maio de 2014), integrarão, naturalmente, outros interessantes “apontamentos” –, os textos aqui revistos possibilitam a dilucidação das principais singularidades da imagem/das imagens que sobre este *topos* (físico, psicológico, social, simbólico, etc.) o autor guarda.

A imagem do professor que fomos colhendo das obras relidas oscila entre aquele que ensinou no «Portugal rural após o 25 de abril de 1974», quando ainda alugava quarto, não tinha carro e era respeitado («E ainda havia tanta ingenuidade») (Mota, 2013: 7); e aquele que não mete à força o saber e que oferece o que sabe – como aquele que é evocado por Pennac (Pennac, 1999: 88), por exemplo. No retrato de todos, prevalece uma visão humanizadora – “porque os professores (também) são pessoas” – e um conhecimento, fruto, certamente, da experiência vivida¹³, do que é ser professor, da sua multiplicidade de competências (humana, individual/pessoal, social, pedagógica, cultural, educativa, entre outras).

As modulações da escola – várias “de outros tempos” e já desaparecidas (como a da aldeia natal do autor, por exemplo) (Mota, 2013: 4) –, microcosmos tido como matéria narrativa, redundam também e naturalmente em figuras da infância, melhor dizendo, de *infâncias*, em muitos casos marcadamente “limitadas”, sofridas¹⁴, inquietas, “descuidadas” ou desamparadas, corporizadas numa galeria de pequenos protagonistas psicologicamente muito ricos. Na verdade, António Mota revela, a cada instante, o seu conhecimento profundo dessa idade e, em quadros muito vivos

13 Cf. «(...) como foi duro ensinar em salas de aulas com os pés ganindo de frio, as mãos enregeladas e como era bom sonhar com outros mundos.» (Mota, 2013: 5).

14 Note-se, por exemplo, que os tópicos da doença e da morte, em concreto da perda do pai, pontuam *O Rapaz de Louredo*, *Pedro Alecrim* e *Os Heróis do 6º F*. O divórcio e, genericamente, a fragilidade das relações familiares, por exemplo, surgem ficcionalizados nos dois últimos títulos mencionados. Também é possível ler a ausência dos pais, motivada pela emigração, por exemplo, em *Os Heróis do 6º F*, na personagem Helena, a melhor amiga da protagonista.

e sempre num registo que, na sua espontânea simplicidade, aspira à proximidade com o leitor, partilha muito daquilo de que é feito ou do que o alimenta. Na verdade, e tal como deixou escrito Natércia Rocha,

«António [foi] é um jovem professor vivendo e exercendo a sua profissão numa pequena aldeia sumida na serra. O isolamento dói-lhe, marca os seus textos. Mas o seu contacto íntimo com o campo, os animais e as gentes que com eles trabalham traz para a sua prosa uma marca especial inconfundível que modela a sua obra. António Mota escreve sobre aquilo que conhece (...). Por isso tem autenticidade e valor.» (Rocha, 1988: s/p).

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland (1975). «Escritores, Intelectuais, Professores» in *Escritores, Intelectuais, Professores e Outros Ensaios*. Lisboa: Presença, pp. 25-61.

EZPELETA AGUILAR, Fermín (2010). «La escuela en la última literatura infantil y juvenil» in *ALLIJ (Anuario de Investigación en Literatura Infantil y Juvenil)*, Nº 8. Vigo: Universidade de Vigo, pp. 7-28.

GOULART, Rosa Maria (2013). «O magistério da Literatura: Professores-Escritores» in *Revista de Estudos Literários*, Nº 3. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 56-78.

MOTA, António (1992). *O Rapaz de Louredo*. Porto: Edinter.

MOTA, António (2007). *A Aldeia das Flores*. V. N. Gaia: Gailivro (9ª ed./ 1ª ed. – 1979, Asa) (ilustrações de Eunice Rosado).

MOTA, António (2011). *Pedro Alecrim*. V. N. Gaia: Gailivro (20ª edição).

MOTA, António (2011). *O Primeiro Dia de Escola*. V. N. Gaia: Gailivro (ilustrações de Paulo Galindro).

MOTA, António (2013). «Maior do que as mil e uma noites» in *Solta Palavra*, Nº 20, pp. 3-4.

MOTA, António (2013). «Conversa com... António Mota» (entrevista conduzida por Manuela Maldonado) in *Solta Palavra*, Nº 20, pp. 5-7.

MOTA, António (2014). *Os Heróis do 6º F. V.N.* Gaia: Gailivro (14ª edição).

NIKOLAJEVA, Maria (2005). *Aesthetics Approaches to Children's Literature*. Oxford: The Scarecrow Press.

PENNAC, Daniel (1999). *Como um Romance*. Porto: Asa (11ª edição / 1ª ed. - 1993).

RISCADO, Leonor (2007). «António Mota. 25 Anos de Histórias» in *Malasartes. Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude*, Nº 15, dezembro de 2007, pp. 57-62.

ROCHA, Natércia (1988). *Pedro Alecrim* (recensão) in <http://www.leitura.gulbenkian.pt/index2.php?area=rol&task=view&id=10755&print=no> (consultada no dia 05 de maio de 2014).

SILVA, Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da (s/d). «*Pedro Alecrim*» (sinopse) – disponível em www.casadaleitura.org (consultado em 03/05/2014).